



215 CHRYSTIE

Espaços amplos e grandes janelas são os marcos do edifício desenhado pelos suíços do escritório Herzog & de Meuron, que será construído em Manhattan, Nova York



MOMA

Em Pequim (China), complexo residencial e comercial desenhado pelo americano Steven Holl prioriza a passagem de pedestres em sua arquitetura de linhas retas e tons fortes

ANÁLISE

VIVA A TRANSPARÊNCIA

Jimmy Baikovicus/Flickr



ACQUA

Desenhado por Rafael Vinoly em um resort de Punta del Este, Uruguai, o edifício favorece a vista para o oceano

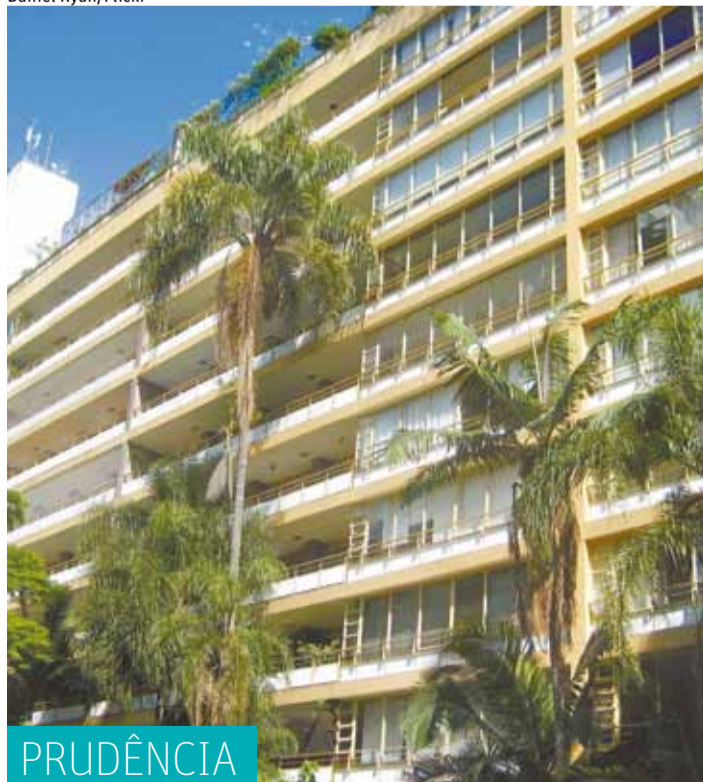
en.wikiarquitectura/Divulgação



40 BOND STREET

Nome e endereço do prédio residencial dos suíços Herzog & de Meuron, em NY, com obra de alumínio retorcido

Daniel Ryan/Flickr



PRUDÊNCIA

Edifício do brasileiro Rino Levi, no centro de SP, construído nos anos 40, símbolo do modernismo

LUXO MESMO É A BOA ARQUITETURA, QUE ESCANCARA AS JANELAS E CRIA RELAÇÕES ENTRE IMÓVEL E ENTORNO

RAUL JUSTE LORES
DE SÃO PAULO

O luxo continua a ser o que é exclusivo, mas o que é de fato exclusivo mudou muito na última década. Na moda, o fenômeno aconteceu antes: a produção manual por especialistas foi substituída por linhas de montagem na Ásia, e as marcas emprestaram suas iniciais para qualquer acessório. Que luxo é esse?

No mercado imobiliário, o nome imponente (em inglês ou francês) do residencial lançado ontem é o nome massificado (e cafona) de hoje.

Na construção em série, onde o suposto “chateau” tem uma mão de tinta bege para imitar a pedra parisiense, os materiais acompanham a identidade fake: “piso que imita madeira”, “porcelanato que parece ladrilho hidráulico” e uma série de imitações para quem as aceita.

Diante desse luxo desidratado, algumas incorporadoras (IdealZarvos, Moby, Huma, Vitacon), de empresários jovens, começaram a desafiar o mercado nas áreas nobres de São Paulo. Com venezianas móveis e janelas maiores para permitir a entrada de mais luz, no lugar das janelinhas minúsculas afrancesadas que só queriam economizar vidro. Artistas voltam a colaborar com projetos, que dispensam muros altos.

A relação desse novo luxo com o entorno não é acidental. Para o arquiteto André Scarpa, do escritório Nitsche Arquitetos, “o luxo está na localização e relação franca com a cidade”. “Acho um luxo sair pela porta de casa e estar na cidade sem precisar entrar num carro e dirigir por horas”, disse à **Folha**.

Algo parecido com uma definição feita anos atrás por Paulo Mendes da Rocha, o mais premiado arquiteto vivo do país, segundo a qual a única “virtude incontestável” de uma casa era o endereço.

“Boas plantas, espaços amplos, conversa com a rua”, diz Matteo Gavazzi, da imobiliária Refúgios Urbanos. “Vivemos sempre comprimidos, quem tem espaço bem pensado é rei.”

QUESTÃO DE ESPAÇO

O luxo já teve que satisfazer outras demandas. Nos anos 40, quando surgiram os primeiros residenciais do tipo na cidade, o morar coletivo ainda era malvisto e a classe alta estava acostumada com casas sem economia de

cômodos. Para combater o preconceito, ofereciam espaços generosos e materiais de qualidade.

Projetado em 1944, o edifício Prudência, na avenida Higienópolis, com apartamentos de mais de 300 m², projeto de Rino Levi e azulejos e jardins de Burtel Marx, era o parâmetro de excelência do mercado de luxo.

No mesmo ano, em plena Segunda Guerra, tinham sido lançadas as torres São Thomaz, Santa Rita e Santa Virgília, na esquina da recém-alargada avenida São Luís com praça da República. As torres seguiam o estilo neoclássico, com adornos afrancesados, linguagem já conservadora à época, mas que geraria diversos filhotes.

Se hoje o neoclássico está em baixa, vale a pena checar como o luxo tem se manifestado de Punta del Este a Miami, de Pequim a Tóquio. Saem os vidros fumês e espelhados que não dão transparência, nem visibilidade, e os terraços enormes com guarda-corpos desajeitados, e entram prédios com jardins abertos, materiais inusitados ou em novas leituras, trabalhos de artistas que os diferenciam do vizinho.

Desde os anos 2000, quando Nova York deixou para trás os recordes de violência e o m² se valorizou, os projetos residenciais voltaram a se diferenciar, depois de décadas de edifícios-commodities.

Os suíços do escritório Herzog & de Meuron, que tinham acabado de fazer o museu Tate Modern, em Londres, desenharam o 40 Bond Street, no bairro NoHo, com terraços-jardins, janelas de vidro do chão ao teto e um portão escultural de alumínio retorcido, que faz um cruzamento entre as curvas de Gaudí com o grafite nova-iorquino.

Em março último, começou a ser ocupado o Via 57 West, do badalado escritório dinamarquês BIG. É um arranha-céu triangular com um pátio vertical escavado entre os andares.

O luxo está na arquitetura: todos os 709 apartamentos são de aluguel, e há desde quitinetes até unidades com quatro dormitórios.

Ao lado dele, começou a ser construída uma torre de 35 andares projetada pelo português Alvaro Siza. Ambos estão no bairro de Hell’s Kitchen, que já foi uma área da cidade violenta e feia. Hoje muita gente quer seu pedaço de luxo ali.

JPC/Divulgação



TOKYO MIDTOWN

Seis prédios reúnem hotel, museu e escritório; desenho é do escritório americano Skidmore, Owings and Merrill

HITcards/Wikipedia



VIA 57 WEST

Arranha-céu triangular em NY do escritório dinamarquês BIG tem um pátio vertical escavado entre os seus andares

Noë & Associates with The Boundary/Divulgação



SOHO TOWER

Escritório Renzo Piano projetou o imóvel em NY com muito vidro para permitir ampla vista do rio Hudson

CADA UM COM SEU LUXO

Funcionalidade

“O luxo está relacionado à funcionalidade dos ambientes e materiais utilizados, e não mais à ostentação de determinados itens, como o mármore.” *Patrícia Anastasiadis, arquiteta do segmento de alto padrão*